

## CRÍTICA LITERÁRIA E CRISE DA ABORDAGEM: O CASO NORTE-AMERICANO

---

SÉRGIO LUIZ PRADO BELLEI

---

### 1. Introdução: Crítica, Pluralismo e Insegurança

Os ensaios que se seguem representam uma amostra da prática de análise de texto da forma como ela se realiza hoje nos Estados Unidos. O que a caracteriza é, antes de tudo, a pluralidade sugerida não apenas pelas quatro opções distintas aqui oferecidas (às quais poderíamos chamar, genericamente, de opções marxista-feminista, desconstrucionista, culturalista e de ênfase no "close reading"), mas pelas sugestões nelas implícitas de outras alternativas existentes e possíveis. Fala dessas outras alternativas Laura Rice-Sayre, por exemplo, quando define a sua leitura de *O Beijo da Mulher Aranha* como sendo feita a partir da perspectiva materialista-feminista, que deve ser cuidadosamente definida para não ser confundida com outras perspectivas materialistas ou marxistas. Falam também dessas alternativas os outros críticos quando, tentando justificar a sua abordagem textual, chamam a atenção para as outras abordagens com as quais concordam ou discordam: Earl Miner lamenta em seu primeiro parágrafo que outros críticos não sejam favoráveis à crítica como instrumento cognitivo, Thomas Jackson ataca os modismos críticos recentes que "operam como se a atividade artística não fosse uma atividade humana", e J. Hillis Miller faz questão de apontar os textos de Jacques Derrida como as fontes teóricas no contexto das quais a sua análise faz sentido.

As referências constantes aos outros críticos com outras práticas, entretanto, não é indício apenas de uma pluralidade metodológica na leitura de textos. Há nessas referências a inquietação e a insegurança de quem já não pode falar sem preceder a sua fala de uma justificativa, já que há outros tantos falando coisas não apenas diferentes ou complementares, mas radicalmente opostas e irreconciliáveis. Estamos diante de abordagens da literatura que suspeitam constantemente de seu próprio dizer e que se revelam portanto em crise. Mais que a pluralidade metodológica, é essa crise da abordagem que parece marcar, hoje, a crítica literária nos Estados Unidos. Em que consiste, mais especificamente, essa crise?

## 2. Crítica e Abordagem

De uma maneira geral, abordagens da literatura como a Nova Crítica, o Estruturalismo, ou mesmo as "críticas" de orientação cultural, histórica, sociológica, psicológica ou mítica diferenciam-se da crítica propriamente dita na medida em que faltam às primeiras a dimensão de crise epistemológica que ocorre (mas da qual nem sempre se fala), sempre que se dá, em cada leitura, um encontro não entre um sujeito e um objeto, mas entre duas subjetividades que resistem a reduções objetivadoras. Ao observar um texto ou coisa, a abordagem pode por um momento suspender a crise (ou pelo menos tentar suspendê-la) e sonhar que aborda o seu objeto e, penetrando-o, chega à sua essência. Mas só a crítica, colocando em crise o instrumento nunca neutro de penetração, revela uma violência lá onde parecia haver procura amorosa da descoberta das essências. Ao contrário da abordagem, toda crítica sabe que a interpretação do outro é necessariamente também uma interpretação de si própria. A abordagem é pois uma crítica de má fé, a crítica uma abordagem auto-destrutiva. A abordagem se pensa enquanto poética, a crítica enquanto hermenêutica negativa, ou seja, interpretação auto-questionadora: tem a primeira a pretensão de verdade (científica?) que desvende o objeto em sua imanência, a segunda a de produzir, além ou aquém da imanência, um significado sempre duvidoso. A abordagem é sempre e principalmente uma questão de poder e sujeição, a crítica de tensão intersubjetiva resultante da crise. É por isso que toda crítica ocorre, no dizer de Paul de Man, na

modalidade de crise e que, em períodos não caracterizados pela crise-crítica, mas pela certeza, podem aparecer todos os tipos de abordagem (históricas, míticas, culturais, filológicas, estruturais), mas não a crítica, já que tais períodos jamais colocarão em xeque o ato de escrever que, abordando, conduz a uma verdade contextual a ser recuperada.<sup>1</sup>

Exemplificando: enquanto a Nova Crítica é abordagem, a Estética da Recepção (Reader-response Criticism) é crítica. Mais precisamente, o vigor crítico da segunda põe em crise a inocência que aborda da primeira. Como se sabe, a Nova Crítica representou a tentativa de isolar o texto, na medida do possível, de seus contextos (histórico, sociológico, biográfico) utilizando como estratégia de isolamento dois procedimentos complementares: a denúncia das quatro falácias e a produção de uma tecnologia de análise de texto. Enquanto as falácias intencional e afetiva davam cabo do autor e do leitor, as falácias comunicativa e mimética exorcizavam o referente. Sobrava o poema-texto que deveria, no câebre verso de McLeish, apenas ser e nunca dizer ("a poem must not mean, but be"), mas que de qualquer forma deveria ser examinado microscopicamente através de um *close reading* que revelasse suas propriedades essenciais. A tecnologia de análise textual a ser utilizada para revelar tais propriedades consistia em procurar no poema os efeitos de tensão de significados, de paradoxo, de ambigüidade, de ironia. Por outro lado, a Estética da Recepção coloca em crise o texto-em-si ao atribuir ao leitor a capacidade de constituir significados, ainda que essa constituição possa trazer consigo o risco de que o poema venha a significar tudo, ou até mesmo nada.

O Estruturalismo em sua relação com o desconstrucionismo é ainda um exemplo de abordagem colocada em crise. Na procura da estrutura, o estruturalismo isola o texto e o liberta da história e do sujeito. Chega-se assim a uma estrutura inconsciente e impessoal que, a partir de seu nível de profundidade, explica a superficialidade textual. Mal se abria, porém, na década de 60, a temporada de caça à estrutura que, no dizer de Lévi-Strauss, deveria ser capturada da mesma forma que o cientista captura a forma cristalizada no cristal, e já aparecia Jacques Derrida denunciando a impossibilidade da estrutura uma vez que o seu centro, o traço que constitui a estrutura de oposições, é pura função que só se manifesta no jogo diferencial das oposições no qual está ao mesmo tem-

po presente e ausente. O traço é o nada incapturável que é tudo e a estrutura última a ser capturada fora de sua estruturalidade é apenas mais uma ilusão logocêntrica do homem humanista que procura estabelecer um centro que lhe dê segurança. Como toda abordagem, o estruturalismo propõe a existência de um centro ao mesmo tempo dentro e fora do objeto e que pode ser encontrado. A isto respondeu a crítica de Derrida que, a partir do próprio conceito de estrutura, era possível e necessário pensar que "não havia centro, que o centro não podia ser pensado na forma de um sendo-presente, que o centro não tinha lugar natural, que não era um lugar fixo mas uma função, uma espécie de não lugar no qual se faziam indefinidamente substituições de signos. Foi então o momento em que a linguagem invadiu o campo problemático universal; foi então o momento em que, na ausência de centro ou de origem, tudo se torna discurso — com a condição de nos entendermos sobre esta palavra — isto é, sistema no qual o significado central, originário ou transcendental, nunca está absolutamente presente fora de um sistema de diferenças. A ausência de significado transcendental amplia indefinidamente o campo e o jogo da significação".<sup>2</sup>

Já se vê que existe na crítica um potencial de perigo, subversão e instabilidade que a abordagem tenta negar a todo custo. Se a abordagem que só olha para o objeto funda e salva aquele que aborda enquanto sujeito da abordagem, a crítica que se auto-critica acaba por afundar e perder o crítico que só age vendo a sua ação refletida em um espelho que pode ou não distorcer o que reflete, mas que é sempre irônico. Essa capacidade da crítica de colocar em crise a si mesma, ao crítico e ao seu objeto é, ainda de acordo com Paul de Man, a característica fundamental de grande parte da crítica européia nos últimos trinta anos. É também uma característica que se faz presente, com maior ou menor intensidade, nos ensaios aqui apresentados. São ensaios que, antes de se constituírem em abordagens, estruturam-se como críticas que colocam em crise a abordagem e sobre ela lançam a suspeita do aborto.

### 3. Abordagem e Aborto

Na medida em que a abordagem pode ser vista, em certos tempos e lugares, como um instrumento de conhecimento do qual estava ausente a dimensão crítica (vale dizer, a dimensão de crise), pode

ela sobreviver em seu papel de vigorosa força de civilização contra a barbárie. É a abordagem seguida de um julgamento que ajuda o escritor a parir a sua obra com sucesso, a iluminá-la e trazê-la para a luz, a propiciar condições para que ela comece o seu percurso social e cultural. É ela que revela qualidades e aponta defeitos e que, se for o caso, canoniza obra e autor indicando os seus lugares em uma tradição. O crítico que dessa forma aborda é parceiro e protetor daquilo que, na tradição de Matthew Arnold, constitui o que de melhor foi produzido por uma cultura e que deve ser preservado pela sociedade e pelo estado como componente de um perfil cultural e de um sistema de valores. Na abordagem o crítico isola aquelas obras que julga valiosas e que elege como textos sagrados e se encarrega de contribuir para que em torno delas (e não de outras) se desenvolva um discurso infinito em que elas sejam, se não compreendidas exaustivamente, pelo menos repetidas e preservadas.

Se no entanto a abordagem é vista, em outros tempos e lugares, como instrumento metodológico sempre indissociável de uma auto-crítica que coloca em crise a sua autenticidade, então é ela sempre acompanhada da suspeita do aborto enquanto exercício de poder que limita ou destrói a expansão viva e indomável do discurso e a energia do sentido. A abordagem começa assim a perceber o seu destino em termos de produção de abortos, não de partos, e a ser acompanhada de uma consciência acusadora e dilacerante. Percebe que seu destino é falar mas percebe também as limitações e as violências da fala e sente-se compelida a calar. Dilacera-se entre o sentido e o não sentido, entre o ruído e o silêncio. Direta ou indiretamente, o dilaceramento está presente no contexto da crítica norte-americana atual.

#### 4. A Abordagem em Pânico

Os ensaios críticos que se seguem se apresentam como abordagens que, na incerteza sobre a validade de sua antiga função como instrumental de conhecimento no contexto de um processo civilizatório, entram em pânico e se vêem diante de duas possibilidades de ação: ou, de um lado, valorizam o social e o humano que, apesar de toda a crise causada pela crítica, devem ser afirmados, ou então, de outro, reconhecem o poder da crise e procuram outros ca-

minhos. De formas diversas, e com maior ou menor vigor argumentativo, afirmam o valor da abordagem críticos como Thomas H. Jackson, Laura Rice-Sayre e Earl Miner. O argumento é às vezes político: se a opressão da mulher é uma realidade, nada mais justificável do que destacar em um texto como *The Kiss of the Spider Woman*, os elementos reveladores da opressão utilizando conscientemente uma técnica de "foregrounding" que coloca em cena certos temas ao mesmo tempo que esquece outros. Outras vezes o argumento se apóia em um apelo a uma tradição cultural a ser relembrada e preservada na leitura do texto (Earl Miner), ou no valor do poema como artefato produzido não por um computador, mas por mãos humanas e que deve, portanto, ser lido como tal. No caso de Hillis Miller, finalmente, já não se procura salvar a abordagem que procura um sentido humano, cultural ou político no poema. É que, neste caso, já não se pode evitar a suspeita de que a procura de qualquer centro em textos literários pode ser semelhante à procura do centro solar no poema de Stevens: o sol só é encontrado quando nomeado (sempre inadequadamente), o que significa que se ausenta para sempre cada vez que é encontrado.

#### NOTAS

- <sup>1</sup>Paul de Man, *Blindness and Insight*, Minneapolis, Univ. of Minnesota Press, 1971, p.8.
- <sup>2</sup>Jacques Derrida. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo, Perspectiva, 1971, p.232.